

## Circularidade Relacional: Padrões De Funcionalidade Familiar Percebidos e o Ajustamento Psicológico Em Adolescentes

Ana Prioste<sup>1</sup>, Diana Cruz<sup>2</sup>, Isabel Narciso<sup>3</sup>

Tendo em conta os vários sistemas que influenciam o adolescente, pretendemos, neste estudo, estudar a influência da funcionalidade familiar no ajustamento psicológico do adolescente e as diferenças entre estas variáveis de acordo com o sexo e idade. O estudo exploratório foi realizado com uma amostra de 318 adolescentes da zona centro de Portugal. A análise quantitativa de resultados foi realizada com o *software SPSS 15.0*, tendo-se concluído que: a) os padrões de funcionamento familiar não ligado correlacionam-se negativamente com os comportamentos anti-social, depressivo e obsessivo; os de funcionamento familiar colaborativo apresentam correlações negativas com os comportamentos depressivo e obsessivo e b) os adolescentes do sexo feminino apresentam valores mais elevados do comportamento depressivo, ansioso, obsessivo e pró-social.

PALAVRAS-CHAVE: Adolescência; Família; Ajustamento psicológico.

### Introdução

Tendo por base o modelo sistémico (Teoria geral dos Sistemas, TGS, de von Bertalanffy, 1968; Modelo de Desenvolvimento Humano de Brofenbrenner, 1986), perspectivamos o desenvolvimento humano como uma *matriz* complexa de relações interdependentes e circulares entre sistemas que se englobam progressivamente, de um nível macro a um nível micro, constituindo um todo. Para compartimentar esta *teia* em sistemas unos é requerida a capacidade contínua de os compreender em relação, i.e., através da sustentação e influência recíprocas entre os factores de maturação biológica, do contexto individual, familiar e social, por movimentos

1 Psicóloga. Doutoranda em Psicologia Clínica - Psicologia da Família e Intervenção Familiar, Faculdade de Psicologia, Universidade de Lisboa, e Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação, Universidade de Coimbra - [anaprioste@gmail.com](mailto:anaprioste@gmail.com)

2 Psicóloga. Doutoranda em Psicologia da família, Faculdade de Psicologia, Universidade de Lisboa - [diana.m.s.cruz@gmail.com](mailto:diana.m.s.cruz@gmail.com)

3 Professora Auxiliar da Faculdade de Psicologia, Universidade de Lisboa - [narciso@fpce.ul.pt](mailto:narciso@fpce.ul.pt)

de morfostase ou de morfogénese, consoante as alterações ocorridas nos vários sistemas, ao longo do tempo (von Bertalanfy, 1968, citado por Barker, 2000; Brofenbrenner, 1986). Pretendemos, assim, perceber qual a relação entre a funcionalidade familiar e o ajustamento psicológico de adolescentes.

### **A família como microsistema**

O *microsistema* engloba as estruturas com que o adolescente mantém um contacto directo e mais privilegiado e inclui sistemas como o grupo de pares, a escola e a família. Apesar do grupo de pares assumir um papel fulcral na adolescência, é a família que ocupa uma posição central de mediação na hierarquia dos sistemas humanos, em todas as etapas do ciclo de vida, e que permite a primeira conexão entre o indivíduo e a sociedade, e é neste nível que as influências bi-direccionais são mais fortes (Brofenbrenner, 1986; Walsh, 1985).

De acordo com a TGS, a família funciona como um todo complexo e integrado, i.e., como parte de sistemas mais complexos e como estrutura integradora de sub-sistemas – individual, conjugal, parental e fraternal –, sendo, assim, constituída por indivíduos, as suas características e as relações entre estes (Alarcão, 2006; Relvas, 2006). Neste sentido, para a compreensão do indivíduo ou da relação familiar, é crucial perceber a sua interdependência, o que nos conduz ao estudo do mútuo impacto dos indivíduos e sistemas na família (Alarcão, 2006; Bronfenbrenner, 1986; Relvas, 2006) e, por conseguinte, à propriedade de *totalidade*. Para além da totalidade, a família enquanto sistema tem as propriedades de *equifinalidade* e *multifinalidade* (um mesmo acontecimento pode produzir resultados diferentes e vice-versa, respectivamente, colocando o foco nos processos e não nas condições iniciais ou finais) e de *circularidade* – um comportamento é produto e produtor de outro comportamento. Do ponto de vista funcional, a família visa criar um sentimento de identidade familiar (Minuchin, 1983; Relvas, 2006) que permita uma adequada individualização/autonomização e socialização, ao longo do tempo.

### **As dimensões de funcionalidade familiar**

No que concerne à dinâmica e funcionalidade familiar, o Modelo Circumplexo dos Sistemas Conjugais e Familiares (MCSCF), aprofundado por Olson (1982), considera a *coesão*, a *adaptabilidade* e a *comunicação* como componentes relevantes de todos os sistemas familiares e importantes no diagnóstico relacional da família, pesquisa e avaliação clínica familiar (Maynard, & Olson, 1987; Olson, 2000; Olson & Gorall, 2003). A *coesão* familiar é definida como a fronteira emocional existente entre os membros da família e foca-se na forma como os sistemas equilibram a individualização *versus* a união (Maynard, & Olson, 1987; Olson, 2000; Olson & Gorall,

2003). Olson (Maynard, & Olson, 1987; Olson, 2000; Olson & Gorall, 2003) operacionaliza este conceito através de variáveis ou conceitos passíveis de avaliação: fronteiras emocionais, fronteiras, coalisões, tempo, espaço, amigos, tomada de decisão, interesses e recreação. O MCSCF pondera cinco níveis de coesão – do muito pouco ligado ao emaranhado -, dos quais três são considerados níveis equilibrados (ligeiramente ligado, ligado e muito ligado) e permitem um funcionamento óptimo do sistema familiar, ao longo do ciclo de vida, pelo equilíbrio entre a individuação e a união, ou seja, a capacidade dos membros familiares serem independentes e, simultaneamente, ligados à família. Os níveis extremos são, geralmente, tidos como problemáticos para relações a longo prazo, conquanto Olson (Maynard, & Olson, 1987; Olson, 2000; Olson & Gorall, 2003) ressalve não existir um nível óptimo absoluto para qualquer relação, sendo que muitas terão problemas se funcionarem a níveis extremamente altos durante muito tempo. Deste modo, são esperadas mudanças nos níveis de coesão, ao longo do tempo, nos sistemas familiares e conjugais (Olson, 2000; Olson & Gorall, 2003).

A *adaptabilidade* relaciona-se com as mudanças na liderança, nos papéis e regras relacionais do sistema familiar e os conceitos específicos que engloba incluem: a liderança (controlo e disciplina), os estilos de negociação, os papéis e as regras relacionais (Olson, 2000; Olson & Gorall, 2003). Esta dimensão prende-se com o equilíbrio entre a estabilidade e a mudança e considera cinco níveis, sendo os três níveis intermédios conceptualizados como equilibrados e os extremos como desequilibrados, dada a sua estabilidade/rigidez ou mudança no sentido caótico (Olson, 2000; Olson & Gorall, 2003).

A *comunicação*, enquanto matriz das interações familiares, constitui “um conjunto de regras implícitas e tacitamente respeitadas pelos elementos do sistema” (Alarcão, 2006, p. 65). No MCSFC, é ponderada como uma dimensão facilitadora do funcionamento familiar; contudo, não é graficamente discriminada no modelo (Olson, 2000; Olson & Gorall, 2003). É medida pelo foco na família como um grupo, atendendo às suas competências para ouvir, falar, fazer auto-revelação, ter clareza e respeito nas mensagens e reforçar (Olson, 2000; Olson & Gorall, 2003); assim, as competências comunicacionais positivas, como a empatia, a escuta activa e os comentários de suporte, permitem aos membros da família a partilha das suas necessidades e preferências.

Após estudos, Olson (1991, cit. por Olson, 2000) verificou que a Family Adaptability and Cohesion Evaluation Scales (FACES II)<sup>4</sup> tem uma relação linear com o funcionamento familiar, ao invés da relação curvilínea hipotetizada pelo MCSFC

---

4 A FACES é um instrumento de auto-relato, construído para avaliar o funcionamento familiar segundo duas dimensões – a adaptabilidade e a coesão (Olson, Portner, & Bell, 1983).

e, perante esta limitação, desenhou uma versão tridimensional do modelo, no intuito de a) enfatizar os níveis equilibrados e desequilibrados da coesão e flexibilidade, mostrando que os níveis equilibrados são mais semelhantes entre si em termos de dinâmica de mudança – mudanças de segunda ordem e b) de incorporar mudanças de primeira e segunda ordem<sup>5</sup>, mais eficazmente (Olson, 1991, cit. por Olson, 2000).

Sobre os alicerces do MCSFC, Olson (2000) derivou como hipóteses: (1) os sistemas familiares equilibrados nas dimensões de funcionalidade funcionarão, geralmente, de forma mais adequada, ao longo do ciclo de vida, que os desequilibrados; (2) as competências de comunicação positivas possibilitarão às famílias equilibradas a capacidade de mudança dos seus níveis de coesão e flexibilidade; (3) as famílias equilibradas têm mais competências de comunicação positiva que as não equilibradas; (4) os casais e famílias modificarão os seus níveis de coesão e/ou flexibilidade perante o *stress* situacional e as mudanças desenvolvimentais ao longo do ciclo de vida (mudanças de segunda ordem).

### Ciclo de vida familiar

No contexto da organização/estrutura e da comunicação da família, em termos de limites, normas, abertura ao exterior e regras e da sequência previsível de transformações na dinâmica familiar, têm sido conduzidos vários estudos (Relvas, 2006), sob o pressuposto de que todas as transições do ciclo de vida constituem um período de adversidade, em que há um aumento da probabilidade da família experimentar declínio das suas competências, aumentar o *distress* e a desordem (Conger & Conger, 2002).

Tomando a perspectiva do ciclo vital de Relvas (2006) e Alarcão (2006), como um enquadramento longitudinal da família em cinco etapas - formação do casal, família com filhos pequenos, família com filhos na escola, família com filhos adolescentes e família com filhos adultos –, e partindo do pressuposto de que as tarefas de desenvolvimento da família se relacionam com as características dos próprios elementos e com a pressão social para o seu desempenho apropriado, como garantia da continuidade funcional do sistema (Relvas, 1996), circunscrevemo-nos à etapa *família com filhos adolescentes*.

---

5 As mudanças de primeira ordem – mudanças *no* sistema – são representadas pela dimensão da flexibilidade e são consideradas curvilíneas. Quer sejam mudanças grandes (características de um sistema caótico), quer sejam pequenas (típicas de um sistema rígido) representam um padrão disfuncional na família. As mudanças de segunda ordem – mudanças do próprio sistema – são lineares e representativas de sistemas equilibrados que, em momentos de stress, tendem a mudar para outro tipo de sistema e mudar os padrões interactivos para se adaptarem (Olson, 2000; Olson & Gorall, 2003).

### Famílias com filhos adolescentes

Foram as alterações sofridas pela família, com as mudanças sociais estruturadas pela industrialização ocidental na transição para o século XX, que determinaram o surgimento do conceito *adolescência*, sendo estas e, por conseguinte, o conceito, relativamente, recentes (Frazão, 2003; Relvas, 2006; Sampaio, 2000; Sprinthall & Collins, 2003). Alarcão (2006) refere a possibilidade de esta ser a fase mais difícil do ciclo de vida, dada a necessidade de um equilíbrio entre as exigências familiares e as necessidades de cada um dos membros da família. Relvas (2006) descreve esta fase como o auge das funções da família enquanto sistema, permitindo a socialização e a individuação. A adolescência é, assim, uma etapa do desenvolvimento, que decorre entre a iniciação da maturação das alterações psicobiológicas – puberdade – e a idade adulta, em que um sistema de valores e crenças se enquadra numa identidade estabelecida (Sampaio, 2000).

No sistema familiar, há a necessidade de emergência de um novo padrão funcional na organização familiar: em termos dinâmicos, joga-se o necessário aumento da flexibilidade dos limites interior-exterior; em termos estruturais, há uma redefinição de limites e abertura do sistema ao exterior (Relvas, 2006). Uma das tarefas familiares consiste na gestão do equilíbrio entre autonomia e integração familiar do adolescente, através da negociação das regras e limites e da construção de um espaço íntimo (Crespo, 2007), o que pode levar a conflitos reiterados entre pais e o adolescente.

Na sequência deste quadro de necessidades de novos equilíbrios individual, familiar e social, de modo a alargar espaços individuais na família e potenciar o bem-estar, sem descuidar o espaço familiar, e reforçar a coesão (Grotevant & Cooper, 1985; Relvas, 2006), o sistema familiar pode não ter a variedade de regras e a flexibilidade necessária para transformar os *inputs* em *outputs* (Burr & Klein, 1994). Nestes sistemas rígidos, em que a possibilidade de mudança é sentida como ameaçadora do sistema familiar (Selvini et al, 1978, cit. por Jones, 1999), a crise pode instaurar-se na família.

Sendo este um trilho de desafios complexos para a família, o desempenho das tarefas desenvolvimentais e o *stress* aliado a este, afectam a família como um todo e a cada um dos seus membros (Walsh, 1999). É neste contexto que a *resiliência* familiar e pessoal assume um papel de relevo, como um mecanismo de redução da probabilidade dos resultados negativos durante estas transições desenvolvimentais (Conger & Conger, 2002) e uma capacidade espontânea do sistema para minimizar a disrupção causada por uma situação stressante (Alarcão, 2006).

De acordo com o modelo sistémico – focado numa abordagem salutogénica, de procura e de valorização das forças e competências familiares –, todas as famílias e adolescentes têm uma herança, um potencial para a resiliência, uma capacidade

para alterar e ligar o presente ao passado e ao futuro (Prioste, 2008). Esta competência pode ser maximizada, encorajando os esforços familiares e fortalecendo os seus processos-chave, já que a resiliência individual tem uma compreensão mais aprofundada e um desenvolvimento mais activo no contexto do micro, meso e exossistemas (Bronfenbrenner, 1986; Walsh, 1999).

### **Nível ontogénico: O adolescente**

Para compreender a *dança* do desenvolvimento adolescente, introduzimos o quadro de referência de John Hill (1980, cit. por Sprinthall & Collins, 2003) que integra um conjunto de *mudanças primárias*, que ocorrem no contexto dos sistemas do microsistema, de modo a originar *mudanças secundárias* no adolescente e nos seus estados psicológicos, desafiando-o em termos sociais e psicológicos (Hill, 1980, cit. por Sprinthall & Collins, 2003). As *mudanças primárias* integram (a) as alterações na definição social e nas expectativas que os outros detêm em relação ao adolescente, como resultado das transformações biológicas da puberdade; b) as transformações físicas e (c) as mudanças cognitivas. A interacção circular destas mudanças primárias, nos diferentes contextos em que se inserem, produz as *mudanças secundárias*, acompanhadas de determinados estados psicológicos: transformações das relações familiares, aumento da autonomia, sentido de identidade, transformação do modo de encarar a intimidade e a sexualidade e alterações nas perspectivas de realização, com o surgimento de novos objectivos para o futuro e ideias inovadoras (Hill, 1980, cit. por Sprinthall & Collins, 2003).

As mudanças primárias conduzem, também, à obtenção de informação diversificada e, por vezes, ambígua sobre o tempo presente e futuro (Sprinthall & Collins, 2003). Esta explosão informacional e as reacções emocionais despoletadas conduzem, reiteradamente, à noção de que a adolescência é um período de crise identitária (Erikson, cit. por Sprinthall & Collins, 2003). Para Erikson (cit. por Sprinthall & Collins, 2003), a principal tarefa do estágio da adolescência centra-se na resolução desta crise, considerando que o processo de formação de identidade consiste na integração das transformações pessoais, exigências sociais e expectativas em relação ao futuro. O conflito entre a escolha e a identidade é um elemento de sofrimento associado à exploração “da diferença entre não saber o que se é e o medo de não vir a ser o que se poderá ser” (Crepet, 2002, p. 19) e, esta dissonância, entre aquilo que o adolescente quer e aquilo que poderá realmente fazer, encaminha-o para um risco de instabilidade considerável (Crepet, 2002). Este processo conflitual é equacionado como positivamente recíproco: por um lado, exige um sentido de identidade e unicidade, sentido de forma verdadeira e genuína pela pessoa; por outro lado, demanda o reconhecimento desse todo

interno único pelos membros dos outros sistemas (Sprinthall & Collins, 2003). No sentido de o adolescente poder equacionar este conflito, experimentando vários papéis e realizando diversas experiências, a sociedade concede-lhe um tempo livre de definição e estruturação, a que Erikson chamou *moratória psicossocial* (Alarcão, 2006; Frazão, 2003; Sprinthall & Collins, 2003).

Estas mudanças podem promover o crescimento positivo e o ajustamento ou, por outro lado, podem gerar uma crise que perturbe o desenvolvimento do adolescente (Cruz, Sampaio, Santos, & Narciso, 2007; Gutman & Eccles, 2007) e o leve a experimentar a *dimensão do vazio* (Crepet, 2002). Esta *dimensão do vazio*<sup>6</sup>, preenchida por uma identidade negativa marcada por pessimismo, sentimentos de perda e de desesperança, *stress* e diminuição da percepção dos recursos próprios para lidar com as situações que o induzem, pode determinar comportamentos auto-destrutivos (Cruz et al, 2007; Sampaio, 2002), afectar a auto-estima, a saúde mental, aumentar o risco de problemas comportamentais (Gutman & Eccles, 2007), levar ao desenvolvimento de quadros clínicos de ansiedade e depressão (Sampaio, 2002) e precipitar disrupções na relação pais-adolescentes (Larson, Richards, Moneta, Holmbeck & Durkett, 1996, cit. por Gutman & Eccles, 2007).

No modelo proposto por Achenbach para explicar a patologia e os problemas de comportamento em crianças e adolescentes – Achenbach System of Empirically Based Assessment (ASEBA) –, a patologia é considerada como num contínuo com o comportamento normativo, distinguido pela frequência, a duração e a intensidade das queixas (Gonçalves & Simões, 2000). Achenbach defende que a patologia é melhor compreendida numa lógica dimensional, não categorial, tal como é apresentada no DSM, sendo que a diferença entre comportamento normal e o patológico é apenas quantitativa e não qualitativa (Gonçalves & Simões, 2000). Assim, as dimensões deste modelo consistem em agrupamentos ou agregações de comportamentos (síndromes) estabelecidas através de análise da estrutura factorial. Estando assente na psicopatologia de desenvolvimento, o ASEBA não considera as dimensões do comportamento patológico como intrínsecas ao sujeito, mas como tendo uma natureza contextual, considerando a relação do jovem com o meio (Gonçalves & Simões, 2000). As síndromes identificadas por Achenbach, no seu estudo empírico, foram: isolamento, queixas somáticas, ansiedade/depressão, problemas sociais, problemas de atenção, problemas de pensamento, comportamento agressivo e comportamento delinvente. Estas

---

6 Realça-se a importância desta *dimensão do vazio* não ser aglutinada com as características típicas da adolescência, com baixa intensidade, como a maior labilidade emocional, o *acting out*, a irritabilidade e a quebra do rendimento escolar (Alarcão, 2002a), apesar das dificuldades em discernir um comportamento evolutivo adaptativo e um patológico durante a adolescência (Cordeiro, 2002).

dimensões agrupam-se, por sua vez, em duas grandes dimensões: (1) externalização, associada a problemas de comportamento na relação com os outros; e (2) internalização, correspondente a problemas associados ao próprio indivíduo (Gonçalves & Simões, 2000).

### **Funcionalidade familiar e ajustamento psicológico na adolescência**

Vários estudos e modelos (e.g., ASEBA) mostram ou postulam a inter-relação entre variáveis contextuais, como as variáveis familiares e o ajustamento psicológico, mostrando que os adolescentes que são expostos a riscos e adversidades familiares, influentes na funcionalidade familiar, têm um elevado risco de desenvolver psicopatologia, comportamentos desadaptativos e insucesso escolar (Cuarati-Burgio & Albizu, 2001). A baixa percepção de envolvimento e elevados níveis de controlo e rejeição parental, conflituosidade familiar, (Rapee, 1997; Heaven, Newbury, & Mak, 2004, cit. por Kim & Cain, 2008), dificuldades funcionais e com o género, existência de psicopatologia nos cuidadores primários e vinculação pobre constituem uma constelação de factores associada à sintomatologia depressiva adolescente que revelam a importância da funcionalidade familiar no desenvolvimento adolescente.

### **O Presente Estudo**

Este trabalho pretende constituir um contributo para a expansão do conhecimento e da compreensão da adolescência, como forma de potenciar intervenções mais eficazes dirigidas para as especificidades desta população. Definimos como objectivo geral orientador do estudo: compreender a influência das variáveis familiares no bem-estar e ajustamento psicológico dos adolescentes da zona centro de Portugal. Deste, emergiram objectivos mais específicos: (a) analisar a percepção do funcionamento familiar e o ajustamento psicológico dos adolescentes; (b) estudar as relações existentes entre o funcionamento familiar e o ajustamento psicológico e (c) analisar as diferenças inter-idades e sexos quanto às variáveis em estudo.

Neste sentido, pretende-se, com o presente trabalho, dar resposta às seguintes questões de investigação: (a) Como é que os adolescentes percebem o funcionamento da sua família e o seu próprio bem-estar e ajustamento psicológico?; (b) Estas percepções variam em função do sexo e da idade?; (c) De que modo é que a percepção do funcionamento familiar e a percepção do ajustamento psicológico do próprio se associam?



## Método

### Participantes

A população-alvo do estudo consistiu em adolescentes com idades compreendidas entre os 12 e 21 anos, que frequentam o ensino básico e secundário na zona centro de Portugal. A técnica utilizada é não probabilística, denomina-se de amostragem de conveniência e consistiu no recurso a adolescentes que, preenchendo as condições de inclusão na amostra e assegurada a confidencialidade e anonimato dos dados, se dispuseram a participar na investigação.

A amostra é composta por 341 adolescentes (N=341) que frequentam o ensino básico e secundário. Quanto à caracterização da amostra de acordo com as variáveis sócio-demográficas consideradas, 45.7% dos participantes são do sexo masculino e 54.3% são do sexo feminino, sendo que a maioria (31.4%) tem 17 anos.

Em relação às variáveis familiares, 80.1% dos participantes habitam com a família nuclear intacta e 10% residem com a família monoparental. 62.2% dos participantes estão inseridos numa fratria de dois e 22.6% numa fratria de três. Quanto ao estado civil, os pais de 85.3% da amostra estão casados ou vivem em união de facto, 7% dos pais e 8.2% das mães estão divorciados(as) ou separados(as). No que concerne à escolaridade, 37.0% dos pais e 29.3% das mães têm entre 0 a 4 anos de frequência escolar e 20.8% dos pais e 23.8% das mães têm entre 5 e 6 anos de escolaridade.

Relativamente às variáveis pessoais, no âmbito da escolaridade, 14.4% dos adolescentes trabalham e estudam simultaneamente, e 85.6% estudam somente; 74.2% dos participantes nunca reprovaram durante a frequência escolar e 17.6% reprovaram um ano escolar. A maioria dos participantes (42.2%) não tem relações amorosas, apenas 32.8% mantêm uma relação de namoro. Quanto à religiosidade, 83.0% dos adolescentes da amostra são crentes, sendo 63.9% da amostra total praticantes. 86.8% dos participantes nunca tiveram acompanhamento psicológico ou psiquiátrico, mas 10.9% já foram acompanhados. 85% dos participantes não padecem de doenças físicas.

### Procedimentos de recolha de dados

Neste estudo, foi utilizado um recorte de um protocolo uma investigação mais alargada de Cruz, Narciso e Sampaio (em preparação), assim, foi utilizado um Questionário sócio-demográfico e dois instrumentos: Questionário de Auto-Avaliação para Jovens – YSR 11-18 (Achenbach, T. M., 1991) e FACES II (Olson, D., Portner, J., & Bell, R. Q., 1982; versão portuguesa: Ferreira, 1995).

Antes de se contactar o meio escolar, foi pedida autorização à Direcção Geral de Inovação e Desenvolvimento Curricular para a aplicação dos questionários nas

escolas e prossecução das investigações. De acordo com a disponibilidade de colaboração dos professores, os protocolos foram aplicados aos alunos durante o ano lectivo de 2007/2008. Os questionários foram respondidos durante o tempo lectivo, na sala de aula, em grupo. Os adolescentes da amostra colaboraram voluntariamente, sob consentimento informado e sem qualquer remuneração. Foram fornecidas aos jovens explicações acerca dos objectivos gerais do estudo e garantido o anonimato.

### Instrumentos

No que remete a variáveis familiares, foi utilizada a Family Adaptability and Cohesion Evaluation Scales (FACES II) e, no que concerne às variáveis individuais, foi usado o Questionário de Auto-Avaliação para Jovens (YSR).

Para além destes, foi também utilizado um Questionário Geral sobre dados sócio-demográficos e outras informações consideradas relevantes para a caracterização da amostra.

*Funcionamento Familiar.* Esta variável foi analisada através da *Family Adaptability and Cohesion Evaluation Scales II* (FACES II; Olson, Portner, & Bell, 1982; tradução Fernandes, 1995). A FACES II é um instrumento de auto-relato que pretende avaliar o funcionamento familiar, com trinta itens, distribuídos por duas dimensões: a) a *Adaptabilidade* que mede, em 14 itens, a flexibilidade familiar e a capacidade de mudança, de acordo com as exigências ambientais, sendo considerados, originalmente, de acordo com os autores, quatro níveis – rígido, estruturado, flexível e caótico (Olson, Portner, & Bell, 1983); b) a *Coesão*, que mensura a fronteira emocional entre os membros familiares, sendo considerados, originalmente, quatro níveis – desagregados, separados, conectados e emaranhados –, é composta por 16 itens (Maynard & Olson, 1987; Olson, 2000; Olson et al, 1983). Todavia, a investigação empírica mostrou que a FACES II não permite avaliar nem o nível mais elevado de coesão – emaranhamento –, nem o mais elevado de adaptabilidade – caoticismo –, pelo que tais níveis foram reinterpretados como, respectivamente, significando funcionamento muito ligado e muito flexível (Olson et al, 1983).

Os itens são pontuáveis numa escala de Lickert, de 5 pontos, em que 1 é “Quase nunca”, 2 é “De vez em quando”; 3 é “Às vezes”; 4 é “Muitas vezes” e 5 é “Quase sempre”. Olson, Bell e Portner (1983) mostram que a FACES II tem boa consistência interna e fidelidade teste-reteste para a coesão (.87 e .83, respectivamente) e para a dimensão da adaptabilidade (.78 e .80, respectivamente) e tem uma validade discriminante aceitável. As duas dimensões apresentam uma correlação entre si que varia entre .25 e .65 (Olson et al, 1983).

Neste estudo, foi efectuada uma análise em componentes principais<sup>7</sup> que permitiu distinguir dois factores, sendo que o factor 1 agrupa os itens relativos à dimensão *padrão relacional colaborativo ou coeso*, e o factor 2 reúne os itens relativos à dimensão *padrão relacional não desligado*. Vinte e dois itens estão formulados na positiva e oito na negativa, pelo que os oito itens negativos foram cotados de modo inverso. Desde modo, quanto maior a pontuação obtida pelo participante na dimensão padrão relacional colaborativo ou coeso, maior será o nível colaborativo do seu padrão de relacionamento familiar. Por outro lado, quanto maior for a pontuação obtida pelo indivíduo na dimensão padrão relacional não desligado, menor será o nível de independência e desligamento do seu padrão de relação familiar. O coeficiente alfa encontrado para a dimensão padrão relacional colaborativo ou coeso é de .904, e para a dimensão padrão relacional não desligado é de .717, o que indicia uma elevada consistência interna.

*Sintomatologia psicopatológica.* É avaliada através do Inventário de Problemas de Comportamento para Crianças e Adolescentes – versão de auto-avaliação.

Este inventário de auto-relato tem como objectivo avaliar a presença de psicopatologia, centrando-se na percepção subjectiva dos distúrbios emocionais, tal como relatos pelos adolescentes (Achenbach, cit. por Fonseca & Monteiro, 1999; Gonçalves & Simões, 2000). O YSR é um questionário dividido em duas partes independentes passíveis de serem utilizadas separadamente. No presente estudo, utilizou-se apenas a segunda parte do questionário que corresponde a uma listagem de afirmações relativas a sintomatologia psicológica. A resposta aos itens é realizada através de uma escala de tipo Likert de 3 pontos (0= “não verdadeira” a 2= “Muitas vezes verdadeira”) (Fonseca & Monteiro, 1999).

No presente estudo, utilizaram-se os resultados obtidos por Cruz, Narciso e Sampaio, num estudo em curso para doutoramento com uma amostra mais alargada de adolescentes. A análise das qualidades psicométricas, efectuada nesse estudo, através de uma análise factorial exploratória com rotação Varimax, revelou 6 dimensões que correspondem a um total de 54 itens, nomeadamente, comportamento pró-social, comportamento anti-social, comportamento depressivo, comportamento ansioso, comportamento excitado/exaltado e comportamento obsessivo/bizarro. Os valores de consistência interna deste instrumento são

---

<sup>7</sup> Como as escalas utilizadas (FACES II e YSR-18), ao nível dos itens, são ordinais, utilizou-se uma variante da análise em componentes principais, efectuando-a sobre as ordens (ranks) dos itens. Desta forma, aplicou-se a teoria subjacente à análise em componentes principais a uma matriz de correlações de Pearson. Esta análise designa-se por análise das ordens (Lebart, L., Morineau, A., & Piron, M. (1995). *Statistique Exploratoire Multidimensionnelle*. Paris: Dunod Ed.).

bons variando entre 0.66 (comportamento obsessivo/bizarro) e 0.900, para as dimensões referidas.

## Resultados

### Resultados globais

No Quadro 1, apresentamos os resultados estatísticos descritivos relativos às variáveis média do funcionamento familiar colaborativo, média do funcionamento familiar não desligado, média dos comportamentos pró-social, anti-social, depressivo, ansioso, excitado/exaltado e obsessivo/bizarro.

**Quadro 1. Estatística Descritiva dos valores médios dos padrões de funcionamento familiar colaborativo, dos comportamentos pró-social, anti-social, depressivo, ansioso, excitado/exaltado e obsessivo/bizarro.**

Variáveis	Média	Desvio Padrão
Média do funcionamento familiar colaborativo/coeso	3,50	,765
Média do funcionamento familiar não desligado	3,51	,655
Média do comportamento obsessivo	,499	,444
Média do comportamento ansioso	,704	,358
Média do comportamento excitado/exaltado	,530	,378
Média do comportamento pró-social	1,55	,391
Média do comportamento depressivo/bizarro	,452	,357
Média do comportamento anti-social	,180	,289

Nota: média arredondada a 2 c.d. e, desvio padrão, a 3 c.d..

Os resultados indicam que, em geral, as *médias do padrão de funcionamento familiar colaborativo e não desligado* são moderadas/elevadas. A *média do comportamento pró-social* é elevada e a *média do comportamento ansioso* é moderada/elevada; as *médias do comportamento obsessivo, excitado/exaltado e depressivo/bizarro* são moderadas e a *média do comportamento anti-social* é baixa. Existe pouca variabilidade nas postostas, os desvios são inferiores a 1.

### Análise de Correlações

A partir da correlação de *Pearson* entre os resultados médios dos padrões de funcionamento familiar e da sintomatologia psicológica, o *padrão de funcionamento familiar não desligado* apresenta correlações a) positivas significativas moderadas com o padrão de funcionamento familiar colaborativo ( $P=0.311$ ,

n= 285; p=0.000); b) positivas e não significativas com o comportamento pró-social (P= 0.104, n= 310; p=0.069); c) negativas significativas moderadas com o comportamento anti-social (P=-0.311, n=303; p=0.000), o comportamento depressivo (P=-0.287, n=316; p=0.000), o comportamento obsessivo (P=-0.274, n=318; p=0.000); e d) negativas não significativa com o comportamento ansioso (P=-0.094, n=311; p=0.098).

O *padrão de funcionamento familiar colaborativo/coeso* apresenta correlações a) positivas moderadas significativas com o padrão de funcionamento não desligado (P=0.311, n= 285; p=0.000); b) positivas não significativas com o comportamento pró-social (P=0.096, n= 281; p=0.109); c) negativas significativas moderadas, por ordem decrescente, com o comportamento depressivo (P=-0.302, n=288; p=0.000) e comportamento obsessivo (P=-0.120, n=288; p=0.042); e d) negativas não significativas com o comportamento ansioso (P=-0.076, n= 285; p=0.198), o comportamento excitado (P=-0.069, n= 288; p=0.244) e o comportamento anti-social (P=-0.002, n= 276; p=0.000).

## **Análise das diferenças de sexo e de idade**

### **Análise das diferenças de sexo**

A significância da diferença dos valores médios da *sintomatologia psicológica* e dos *padrões de funcionamento familiar* no sexo feminino vs. no sexo masculino foi avaliada com o teste *t-Student* para amostras independentes. As diferenças estatisticamente significativas obtidas foram: a) nos resultados médios do *comportamento anti-social*, nos quais os adolescentes do sexo masculino apresentam valores mais elevados ( $t(-2.016)=3.901$ ; p=.045); b) nos resultados médios do *comportamento depressivo*, nos quais os adolescentes do sexo feminino apresentam valores mais elevados ( $t(-2.545)=1.241$ ; p=.011); c) nos resultados médios do *comportamento pró-social*, nos quais os adolescentes do sexo feminino apresentam valores mais elevados ( $t(-5.698)=14.066$ ; p=.000); d) nos resultados médios do *comportamento ansioso*, nos quais os adolescentes do sexo feminino apresentam valores mais elevados ( $t(-4.975)=156$ ; p=.000); e e) nos resultados médios do *comportamento obsessivo*, nos quais os adolescentes do sexo feminino apresentam valores mais elevados ( $t(-2.106)=.816$ ; p=.036).

### **Análise das diferenças de idade**

Por um critério etário, a amostra foi dividida em dois grupos: o Grupo A agrupou adolescentes com idades compreendidas entre os 13 e os 16 anos e o Grupo B reuniu os adolescentes com idades compreendidas entre os 16 e os 21 anos. As

comparações inter-grupo quanto às variáveis médias do *ajustamento psicológico* e *padrões de funcionamento familiar* foram avaliados pelo teste *t-Student*. As diferenças significativas obtidas foram nos resultados médios do *comportamento anti-social*, nos quais os adolescentes do Grupo A apresentam valores mais elevados ( $t(2.265)=10.536$ ;  $p=.024$ ) e nos resultados médios do *comportamento pró-social*, nos quais os adolescentes do Grupo B apresentam valores mais elevados ( $t(-2.848)=6.399$ ;  $p=.005$ ).

## Discussão

### O funcionamento familiar e ajustamento psicológico

Atendendo aos vários sub-sistemas integrados no sistema familiar (parental, conjugal, filial), percebemos a enorme complexidade que lhe está inerente e que tem, necessariamente, de ser considerada quando abordamos a funcionalidade familiar como um todo e a sua influência no ajustamento psicológico e bem-estar do adolescente.

Considerando as correlações co-existentes entre ambos os padrões de funcionalidade familiar e o ajustamento psicológico, os padrões de funcionamento familiar menos colaborativos e mais desligados relacionam-se negativamente com comportamentos depressivo, o obsessivo e o anti-social, demonstrando que o bem-estar e ajustamento dos adolescentes está associada a uma percepção positiva do funcionamento familiar. Os resultados obtidos corroboram a relação circular, de sustentação recíproca, entre o papel familiar e as perturbações emocionais e comportamentais dos adolescentes e a evidência clínica (Cuarati-Burgio & Albizu, 2001), nomeadamente, nas perturbações depressivas (Miller & Jenkins, 2004; Rapee, 1997; Heaven, Newbury, & Mak, 2004, cit. por Kim & Cain, 2008) e ansiosas (Miller & Jenkins, 2004), mostrada pela literatura científica e pela evidência clínica.

No que concerne ao comportamento anti-social, as percepções do adolescente relativamente à família e a perturbação da parentalidade têm um papel mediador na transmissão do comportamento anti-social (Dogan, Conger, Kim & Masyn, 2007), a percepção do conflito conjugal e do abuso de substâncias, pelo filho adolescente, afecta o seu comportamento e, no último caso, influencia o comportamento de consumo de substâncias alcoólicas (Harold & Conger, 1997, cit. por Dogan et al, 2007; Stephenson, Henry, & Robinson, 1996, cit. por Dogan et al, 2007). Estes estudos, para além de sublinharem a relação circular já delineada, sugerem que a percepção do comportamento parental, formada por observação e modelação, pode constituir um mecanismo cognitivo importante através do qual

o comportamento é transmitido de uma geração para a outra, tendo um papel preponderante no efeito do comportamento anti-social parental no ajustamento do adolescente.

Por outro lado, os sistemas familiares percebidos como colaborativos funcionam com mais competências de comunicação positiva que possibilitarão uma maior capacidade de mudança e de reestruturação das regras do sistema nesta fase do ciclo de vida (Olson, 2000), permitindo aos filhos adolescentes um ajustamento adequado, com um menor risco de desenvolvimento de sintomatologia psicológica, tal como é defendido por Cuarati-Burgio e Albizu (2001).

### **Análise das diferenças inter-sexos quanto ao funcionamento familiar e ajustamento psicológico**

Não se observam diferenças significativas quanto aos padrões de funcionamento familiar. Estes resultados contrariam os dados da literatura que revelam diferenças significativas entre rapazes e raparigas, no que respeita à percepção do ambiente familiar e que, segundo diferentes autores estão também associadas a diferentes padrões interactivos e expectativas que os pais têm das filhas e dos filhos (Ohanessian, Lerner, Lerner, & von Eye, 2000).

Invertendo a perspectiva desta hipotetização centrada nas diferenças de género, evidenciamos o Modelo de Semelhança de Géneros (MSG), sugerido por Janet Hyde (2005), oposto ao modelo diferencial e que propõe grandes diferenças psicológicas entre os géneros. O MSG aponta para que a grande maioria das variáveis psicológicas entre os géneros sejam semelhantes e comprova, através de uma análise a várias meta análises, que 78% das diferenças de género estão perto de zero, ou seja, são inexistentes. A partir desta lente das semelhanças, a quase ausência de diferenças inter-sexos quanto à percepção da funcionalidade familiar, nos resultados que obtivemos, pode ser interpretada como normal. Acrescem a esta hipótese (a) o facto de que todos os adolescentes, independentemente do sexo, circunscreverem movimentos centrífugos em relação à família, nesta etapa desenvolvimentista, em busca de uma maior autonomização; e (b) o papel fulcral que o grupo de pares assume nesta fase – por permitir a separação em relação à família, possibilitando o pensamento e a experimentação de valores ausentes ou inaceitáveis no âmbito familiar; a aquisição de conformismo face às normas e a distinção entre limites pessoais, convencionais e sociais; o desenvolvimento de um auto-conceito positivo, assegurando ao adolescente que a sua aceitação no contexto grupal é merecida; e a experimentação e desenvolvimento de capacidades de liderança (Relvas, 2006) - , relegando para segundo plano a valorização que o adolescente faz do papel da família.

As adolescentes apresentam resultados médios dos comportamentos depressivo, ansioso, obsessivo e pró-social superiores em relação aos rapazes e estes revelam mais comportamentos anti-sociais. Estes resultados podem ser interpretados recorrendo aos dos papéis tradicionais ou características de género. Estes impelem as raparigas para um *coping* aplicativo, focado em estratégias emocionais, que, possivelmente, as conduzem a um sentimento de exaustão mais rápido, dificultando o processo de adaptação, a recuperação e o alcance de um novo estado de equilíbrio e de ajustamento, e aumentando os níveis de comportamento ansioso, depressivo e obsessivo. Else-Quest, Hyde e VanHulle (2006) sugerem que as raparigas, por terem uma maior sensibilidade perceptual, codificam com mais detalhe as experiências vivenciadas, havendo, assim, uma maior acumulação de memórias emocionais (positivas e negativas), logo maior risco de desenvolverem sintomatologia depressiva e ansiosa.

Por outro lado, os rapazes desenvolvem um *coping* instrumental orientado para a resolução do problema e para a positividade das condições stressantes (Ystgaard, Tambs, & Dalgard, 1999), havendo, deste modo, uma menor probabilidade de desenvolvimento de sintomatologia depressiva e ansiosa. Else-Quest, Hyde e VanHulle (2006) consideram que os rapazes têm uma menor capacidade de regulação comportamental (tendo um maior índice de comportamentos hiperactivos), pelo que inibem algumas respostas apropriadas, acrescentando assim o risco de externalização de distúrbios comportamentais, como o comportamento anti-social, agressivo, perturbações da atenção e abuso de substâncias, o que é consonante com os dados obtidos.

### **Análise das diferenças inter-idade quanto ao funcionamento familiar e ajustamento psicológico**

Não se observam diferenças significativas quanto aos padrões de funcionamento familiar, o que, apesar de este estudo não ser longitudinal, pode significar que as percepções e significações sobre o funcionamento familiar não sofrem flutuações significativas e que, globalmente, os adolescentes não sentem um declínio significativo das competências familiares e da desordem ao longo desta fase desenvolvimentista.

Os adolescentes pertencentes ao Grupo A (dos 13 aos 16 anos) referem mais comportamentos anti-sociais e os do Grupo B índices mais elevados de comportamento pró-social, o que nos remete para diferenças significativas quanto à impulsividade, externalização comportamental e instabilidade emocional. Esta diferença poder-se-á dever a um pico de dificuldades de aceitação do Eu induzido pelas mudanças primárias (Hill, 1980, cit. por Sprinthall & Collins, 2003) e pelas



interacções iniciais entre estas e as mudanças secundárias, levando-os à experiência de maiores níveis de stress e de dificuldades de desenvolvimento de estratégias de *coping* adequadas.

Os adolescentes pertencentes ao Grupo B poderão já ter desenvolvido estratégias de *coping* mais adequadas para lidar com as situações stressantes, permitindo a construção do sentido de identidade, sem recurso a estratégias de externalização comportamental e com uma maior estabilidade emocional.

## Conclusão

Como resultados centrais, salientamos que a) os padrões de funcionamento familiar independente relacionam-se negativamente com os comportamentos anti-social, depressivo e obsessivo, ou seja, quanto menos colaborativo for o padrão familiar, mais comportamentos anti-sociais, depressivos e obsessivos apresenta o adolescente; b) os de funcionamento familiar colaborativo relacionam-se negativamente com os comportamentos depressivo e obsessivo e c) os adolescentes do sexo feminino apresentam valores mais elevados do comportamento depressivo, ansioso, obsessivo e pró-social e os do sexo masculino apresentam mais comportamentos anti-sociais.

## Limites e Implicações

Centremo-nos nos instrumentos utilizados: o facto do funcionamento familiar só ter sido medido por um instrumento (Pfaller, Kiselica, & Gerstein, 1998) – FACES II – e só ter sido aplicado aos filhos adolescentes constituem limitações do estudo. Partindo do pressuposto lógico experiencial de que os membros da família têm visões distintas do seu sistema familiar, Olson, Bell e Portner (1983) salientam a importância da FACES II ser aplicada a todos os membros da família, no sentido de capturar a complexidade do sistema familiar (Shek, 1997). Usando apenas a perspectiva do adolescente e avaliando somente a sua percepção do funcionamento familiar numa altura em que procura autonomizar-se da família, as respostas possivelmente estarão enviesadas, ou pelo menos limitadas à percepção subjectiva do jovem (Shek, 1997). Neste sentido, o estudo de Olson (1983) aponta para uma discrepância significativa entre a avaliação da coesão familiar pelos pais vs. pelos filhos adolescentes, sendo que estes últimos o subvalorizam.

De ressaltar, que os dados obtidos não nos permitem inferir relações de causalidade entre as variáveis e que, sendo este um estudo de índole exploratória, os resultados não são passíveis de serem generalizados à população.

O ajustamento psicológico e o desenvolvimento de perturbação psicológica são multi-determinados: sofrem a influência de factores de natureza genética e biológica; interaccionais, com o meio e com a experiência e oportunidades de desenvolvimento; factores relacionados com a interacção com todo o ecossistema do indivíduo – a relação com os pares, com o meio escolar e com outros significativos. Assumimos, deste modo, uma perspectiva de complexidade sistémica, em que as variáveis individuais dos jovens, associadas às características e práticas familiares e, em constante interacção com o meio social e cultural e com outros micro e macrosistemas, concorrem para o desenvolvimento da vulnerabilidade ou da resiliência, havendo, portanto, uma relação circular entre as diferentes variáveis (Maccoby, 2002; Miller & Jenkins, 2004).

A FACES II devia ser aplicada a todos os membros da família, como sugerem Olson, Bell e Portner (1983), de modo a perceber-se a complexidade familiar e a evitar a subvalorização da avaliação da funcionalidade familiar pelos filhos adolescentes (Olson, 1983). O estudo da percepção de *stress* e do tipo de mecanismos de *coping* dos adolescentes devia ser associado ao estudo do ajustamento psicológico, para uma compreensão mais específica dos factores envolvidos no ajustamento e equilíbrio nesta fase.

Para além das relações circulares apontadas, relevamos a importância do desenvolvimento de estudos que foquem a importância e os processos e características transmitidos inter-geracionalmente, no sentido de uma melhor compreensão das heranças familiares e do enquadramento do ajustamento de cada elemento familiar (e.g., Klever, 2004; 2005).

Por último, queremos reforçar o carácter circular que tentamos imprimir no estudo, e que pensamos ter utilidade em estudos futuros, pois, como expõe Bateson (citado por Miermont, 1999), há que renunciar a uma perspectiva linear porque “não podemos pensar em termos do conhecimento das coisas, mas em termos das relações entre coisas, pessoas” (Bateson, citado por Jones, 1999, p. 41).

## Referências bibliográficas

- Alarcão, M. (2006). *(Des)Equilíbrios familiares* (3ª Ed.). Coimbra: Quarteto.
- Barker, P. (2000). *Fundamentos da terapia familiar*. Lisboa: Climepsi.
- Bronfenbrenner, U. (1986). Ecology of the family as a context for human development: research perspectives. *Developmental Psychology*, 22, 723-742.
- Burr, W. R., Klein, S. R. (1994). A systems model of family stress. In *Reexamining Family Stress: New Theory and Research* (pp. 30-51). London: Sage Publications, Ltd.
- Cordeiro, J.C. (2002). O desenvolvimento psicológico do adolescente (pp-210-242). In Cordeiro, J. C. (Org.) (2002). *Manual de Psiquiatria Clínica* (2ª Ed.). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

- Conger, R. D. & Conger, K. J. (2002). Resilience in Midwestern families: selected findings from the first decade of a prospective, longitudinal study. *Journal of Marriage and Family*, 64, 361-373.
- Crepet, P. (2002). *A Dimensão do Vazio – os jovens e o suicídio*. Porto: Ambar.
- Crespo, C. (2007). *Rituais familiares e o casal: paisagens inter-sistêmicas*. Tese de Doutoramento em Psicologia. Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de Lisboa.
- Cruz, D., Sampaio, D., Santos, N., & Narciso, I. (2007). Comportamentos auto-destrutivos na adolescência: experiência de avaliação clínica por uma equipa hospitalar. *Saúde Mental*, IX, 10-23.
- Cruz, D., Narciso I., & Sampaio, D. *Adolescência, Família e Comportamentos Auto-destrutivos: factores de risco e de resiliência*. Dissertação de Doutoramento em Psicologia da Família, em preparação.
- Cuarati-Burgio, L., & Albizu, C. (2001). Meta-analysis: the effects of parental practices and parental processes on resilience in adolescents. *Dissertation Abstracts International: Section B: The Sciences and Engineering*, 61, 5557.
- Dogan, S. J., Conger, R. D., Kim, K. J., & Masyn, K. E. (2007). Cognitive and parenting pathways in the transmission of antisocial behavior from parents to adolescents. *Child Development*, 78, 335 – 349.
- Else-Quest, N. M., Hyde, J. S., Goldsmith, H. H., & Van Hulle, C. (2006). Gender differences in temperament: A meta-analysis. *Psychological Bulletin*, 132, 33-72.
- Fonseca, A. C., & Monteiro, C. M. (1999). Um inventário de problemas do comportamento para crianças e adolescentes: o *Youth Self-Report de Achenbach*. *Psicologica*, 21, 79--96.
- Frazão, P. (2003). De Dido a Dédalo: reflexões sobre o mito do suicídio romântico na adolescência. *Análise Psicológica*, 4, 453-464.
- Gonçalves, M., & Simões, M. R. (2000). O modelo multiaxial de Achenbach (ASEBA) na Avaliação Clínica de Crianças e Adolescentes. In I. Soares (Ed.), *Psicopatologia do Desenvolvimento: Trajectórias (in)Adaptativas ao Longo da Vida* (pp. 43 - 88). Coimbra: Quarteto Editora.
- Grotevant, H. D. & Cooper, C. R. (1985). Patterns of interaction in family relationships and the development of identity exploration in adolescence. *Child Development*, 56, 415-428.
- Gutman, L. M. & Eccles, J. S. (2007). Stage-environment fit during adolescence: trajectories of family relations and adolescent outcomes. *Developmental Psychology*, 43, 522-537.
- Hyde, J. S. (2005). The gender similarities hypothesis. *American Psychologist*, 60, 581-592.
- Jones, E. (1999). *Terapia dos sistemas familiares*. Lisboa: Climepsi Editores.
- Kim, E. & Cain, K. C. (2008). Korean American Adolescent Depression and Parenting. *Journal of Child and Adolescent Psychiatric Nursing*, 21, 105–115.
- Klever, P. (2004). The multigenerational transmission of family unity. *The American Journal of Family Therapy*, 33, 253-264.
- Klever, P. (2005). The multigenerational transmission of nuclear family process and symptoms. *The American Journal of Family Therapy*, 32, 337-351.
- Lerner, R. M., Castellino, D. R., Terry, P. A., Villarruel, F. A., & McKinney, M. H. (1995). Developmental contextual perspective on parenting. In M. H. Bornstein (Ed.), *Handbook of Parenting, Vol. II* (pp. 285-309). New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates.
- Maccoby, E. E. (2002). Parenting effects: issues and controversies. In S. L. Remy, & M. Bristol-Power (Eds.), *Parenting and the child's world: influences on academic,*

- intellectual, and social-emotional development* (pp. 35-46). Mahwah: Lawrence Erlbaum Associates.
- Maynard, P. & Olson, D. H. (1987). Circumplex model of family systems: a treatment toll in family counseling. *Journal of Counseling and Development*, 65, 502-504.
- Miller, F. K., & Jenkins, J. M. (2004). Parenting children with mental health problems. In Hoghughi, M., & N. Long (Eds.), *Handbook of Parenting – Theory and Research for Practice* (pp. 296-310). London: Sage Publications.
- Ohannessian, C. M., Lerner, R. M., Lerner, J. V., & Eye, A. V. (2000). Adolescent-parent discrepancies in perceptions of family functioning and early adolescent self-competence. *International Journal of Behavioral Development*, 24, 362-372.
- Olson, D. H. (1983). Family types, family stress, and family satisfaction: a family development perspective. In C. J. Falicov (Ed.), *Family transitions – continuity & change over the life cycle*. New York: The Guilford Press (pp. 55-79).
- Olson, D. H. (1999). Circumplex Model of Marital & Family Systems. Retirado em 15 de Agosto de 2007 de [www.facesiv.com/pdf/circumplex.pdf](http://www.facesiv.com/pdf/circumplex.pdf)
- Olson, D. H. (2000). Circumplex Model of Marital & Family systems. *Journal of Family Therapy*, 22, 144-167.
- Olson, D. H., McCubbin, H. I., Barnes, H., Larsen, A., Muxen, M., & Wilson, M. (1992). *Family Inventories – Inventories Used in a National Survey of Families Across the Family Life Cycle* (2ª ed.). St. Paul, MN: Family Social Science, University of Minnesota.
- Olson, D. H., Gorall & D. M. (2003). Circumplex model of marital and family systems. In F. Walsh (Ed.), *Normal Family Processes* (3rd Ed). New York: Guilford (pp.514-547).
- Olson, D. H., Bell, R., & Portner, J. (1983). *FACES-II manual*. St Paul: University of Minnesota, Department of Family Social Science.
- Pfaller, J., Kiselica, M, & Gerstein, L. (1998). Attachment style and family dynamics in young adults. *Journal of Counseling Psychology*, 45, 353-357.
- Prioste, A. N. (2008). Adolescência rural e urbana: a dança circular entre auto-estima, percepção de stress e funcionalidade familiar. Dissertação de Mestrado Integrado não publicada. Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, Universidade de Lisboa.
- Relvas, A. P. (2006). *O Ciclo Vital da Família: Perspectiva Sistémica*. Porto: Edições Afrontamento.
- Sampaio, D. (2000). *Ninguém Morre Sozinho: o adolescente e o suicídio* (9ª ed.). Lisboa: Caminho.
- Sampaio, D. (2002). Suicídio e para-suicídio (pp. 395-403). In Cordeiro, J. C.(ed.) (2002). *Manual de Psiquiatria Clínica* (2ª Ed.). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Shek, D. T. (1997). The relation of family functioning to adolescent psychological well-being, school adjustment, and problem behaviour. *The Journal of Genetic Psychology*, 158, 467-479.
- Sprinthall, N. A. & Collins, W. A. (2003). *Psicologia do Adolescente* (3ª Ed.). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Utting, D., & Pugh, G. (2004). The social context of parenting. In Hoghughi, M., & N. Long (Eds.), *Handbook of Parenting – Theory and Research for Practice* (pp. 19-54). London: Sage Publications.
- Walsh, F. (1985). Social change, disequilibrium, and adaptation in developing countries: a moroccan example. In Schwartzman, J. (Ed) (1985). *Families and other systems – The macrosystemic context of family therapy*. New York: The Guilford Press (pp. 244-259).
- Walsh, F. (1998). *Strengthening family resilience*. New York: The Guilford Press. Ystgaard, M., Tambs, K., & Dalgard, O. S. (1999). Life stress, social support and psychological distress in late adolescence: a longitudinal study. *Social Psychiatry Epidemiology*, 34, 12-19.

### **Relational circularity: perceived family patterns of functionality and the psychological adjustment in adolescents**

Considering the several systems that influence the adolescent, we aimed, in this study, to study the influence of familiar functionality in the adolescent's psychological adjustment and the differences between these variables according to gender and age. This exploratory study was carried out with a sample of 318 adolescents from the centre of Portugal. The quantitative analysis of results was done using SPSS 15.0 software, drawing the following conclusions: a) the not independent familiar functioning patterns correlate negatively with anti-social, depressive and obsessive behaviours; the collaborative patterns present negative correlations with the depressive and obsessive behaviours; and b) female adolescents present higher values of depressive, anxious, obsessive and pro-social behaviour.

KEY-WORDS: Adolescence; Family; Psychological adjustment.

### **Circularité relationnelle: Modèles de la fonctionnalité familiale perçus et l'ajustement psychologique chez les adolescents**

En considérant les multiples systèmes qui influencent l'adolescent, on a voulu, en cet étude, étudier l'influence de la fonctionnalité familiale dans l'ajustement psychologique de l'adolescent et les différences entre ces variables en concernant le sexe et l'âge. L'étude exploratoire a été réalisée avec une échantillon de 318 adolescents de la région centrale de Portugal. L'analyse quantitative des résultats a été fait avec le software SPSS 15,0, en concluant que : a) les normes de fonctionnement familial non indépendant se corrélationnent négativement avec les comportements antisocial, dépressif et obsessionnel ; celons de fonctionnement familial collaboratif présentent corrélations négatives avec les comportements dépressif et obsessionnel; et b) les adolescentes du sexe féminin présentent plus hauts valeurs de comportements dépressif, anxieux, obsessionnel et pro-social.

MOTS-CLÉS: Adolescence; Famille; Ajustement psychologique.